

A EVOLUÇÃO E REVOLUÇÃO DA ESCRITA: UM ESTUDO COMPARATIVO

Rosimeri Claudiano da Costa (UNIGRANRIO)

roosi@ig.com.br

Renato da Silva (UNIGRANRIO)

redslv333@gmail.com

Márcio Luiz Corrêa Vilaça (UNIGRANRIO)

professorvilaca@gmail.com

“A escrita é uma construção social, coletiva, tanto na história humana como na história de cada indivíduo”

(Garcez, 2002, p. 11)

1. Introdução

Muitos são os estudos sobre a evolução da linguagem escrita como forma de expressão do homem desde da antiguidade até os dias atuais. A escrita e a leitura fazem parte de nosso cotidiano, de tal forma que hoje parece bastante difícil imaginar nossas vidas sem a linguagem verbal, a não verbal e suas variações. É indiscutível a importância da escrita para a evolução das sociedades ao longo do tempo e para a construção da atualidade, sem deixarmos de invocar a história dos registros escritos.

Desde as pinturas rupestres, o homem da pré-história sentia necessidade de preservar registros de suas atividades e deixar uma marca para a posteridade. Podemos considerar ainda que essas foram também atividades artísticas humanas. A escrita surgiu quando o homem passou de nômade para sedentário e assim iniciou o cultivo do seu alimento e a criação de seus animais, afinal era preciso um recurso para registrar as contagens do que possuía e o quanto de alimento havia estocado. “O nascimento da escrita está ligado aos primeiros estados burocráticos de uma hierarquia piramidal e as primeiras formas de administração econômica centralizada em impostos e gestão de grandes domínios”. (LÉVY, 1993, p. 87).

A partir disso, em muito tem evoluído o processo da escrita (e consequentemente da leitura) afetado em grande parte por avanços das novas tecnologias, mais recentemente pelas chamadas *Tecnologias de Comunicação e Informação* (TIC). O ato de escrever sofreu drásticas

mudanças e, com isso, fomos muito além de uma “simples evolução”. Passamos, de fato, por uma inquestionável revolução.

Nas últimas décadas, as novas tecnologias demonstraram-se determinantes para a revolução causada pelo processo digital. Os dígitos deixaram de servir apenas como meio de contagem numérica para passarem a representar toda a massa de caracteres possíveis de representação em bits e bytes. O papel deixou de ser o “único” meio de registro da escrita e passamos à utilização do livro digital como processo inovador e difusor da escrita virtual.

Este artigo tem por finalidade básica apresentar alguns momentos da evolução da escrita, apontando como as tecnologias tiveram papel importante ao longo deste percurso. Não deve ser entendido, no entanto, como um trabalho sobre história da escrita. A sua finalidade é de natureza introdutória.

2. A evolução da escrita

Todas as formas de inscrição gráfica se originaram da necessidade humana de se comunicar e registrar suas impressões acerca de sua história, cultura, acontecimentos, entre outras finalidades sociais. Barbosa (2013, p. 34) aponta que:

O homem, através dos tempos, vem buscando comunicar-se com gestos, expressões e a fala. A escrita tem origem no momento em que o homem aprende a comunicar seus pensamentos e sentimentos por meio de signos. Signos que sejam compreensíveis por outros homens que possuem ideias sobre como funciona esse sistema de comunicação.

O autor afirma que a “escrita é considerada um marco de passagem da pré-história para a história” (BARBOSA, 2013, p. 13).

De acordo com Sampson (1996, p. 98), a invenção da escrita aparece tardiamente com relação ao aparecimento da linguagem; ela apareceu depois da chamada “revolução neolítica”, e sua história pode ser dividida em três fases: pictórica, ideográfica e alfabética.

Os primeiros registros escritos aconteceram em regiões onde aglomeraram-se as primeiras civilizações, e pela necessidade de um controle, houve o desenvolvimento de um sistema, cujo dirigentes deixaram sob os cuidados dos escribas. A introdução da escrita, foi um grande domínio técnico, e enquanto sistema capaz de exprimir graficamente a lin-

guagem, acelerou todo o processo de construção cultural dos povos que a desenvolveram.

Em 45000 a.C.¹¹, surgem os primeiros registros de inscrições em cavernas, as pinturas rupestres, feitas para registrar momentos importantes como celebrações, caças e outros fatos.

Fazendo uma divisão das fases da evolução da escrita¹², temos:

- Fase pictórica: trata-se de desenhos ou pictogramas, associados à imagem daquilo que se quer representar. Consistem em representações bem simplificadas dos objetos da realidade.
- Fase ideográfica: representada pelos ideogramas, que são símbolos gráficos que representam diretamente uma ideia. As escritas ideográficas mais importantes são a egípcia (também chamada de hieroglífica), a mesopotâmica (suméria), as escritas da região do mar Egeu (a cretense, por exemplo) e a chinesa (de onde provém a escrita japonesa).
- Fase alfabética: tem-se nessa fase o uso de letras, as quais, embora tenham se originado nos ideogramas, perderam o valor ideográfico e assumiram uma nova função de escrita.

Ainda como fatores históricos a se destacar, na história da escrita, temos: em 100 d.C., os primeiros livros encadernados, em 105 d.C., o chinês Tsai Lun inventa o papel.

Até a Idade Média, quando foi criada a imprensa, no século XV, muitas pessoas ainda não aprendiam a ler e escrever, principalmente das classes mais pobres. Os trabalhos de Fisher (2006 e 2009), Briggs e Burke (2006) e Burke (2010) possibilitam entender o complexo cenário da história de leitura e da escrita e suas relações com as sociedades e as tecnologias. Logicamente não se tratou de um percurso rápido, linear e uniforme. Briggs e Burke apontam que revolução da impressão chegou a encontrar resistência em alguns países. A ideia de que todas as crianças devem aprender a ler e escrever só foi difundida no século XIX. Sem dúvida, podemos concluir que nos primórdios da história humana, a escrita

¹¹ Fonte: Wikipédia. Eugenio Valdemarin, estudioso da arte rupestre. Dólmen de Antelas (Pinheiro de Lafões, Oliveira de Frades, Viseu), de Domingos J. da Cruz. Um sepulcro templo do Neolítico final", Estudos Pré-históricos, 3, Viseu, 1995, p. 263-264.

¹² Fonte: <<http://www.academialetrasbrasil.org.br/histescreta.htm>>. Acesso em: 10/05/2013.

pertencia a pequenos grupos da sociedade e não era uma prática comum. Por isso, os desafios educacionais contemporâneos relacionados à alfabetização e ao letramento não são novidades.

Uma grande revolução na história da escrita, antes da invenção da imprensa, foi o códice ou códex¹³, que foi uma nova organização do texto, agora encadernado e organizado em páginas e seções. O texto nas páginas do códice tem limites claramente definidos, tanto a escrita quanto a leitura podem ser controladas por autor e leitor, permitindo releituras, retomadas, avanços, fácil localização de trechos ou partes.

Enfocando a evolução relatada, sabemos que o homem sempre esteve pronto a se adaptar às mudanças determinadas pelas necessidades e recursos disponíveis e como resultado surgem as inovações e descobertas que se fazem relevantes e devem ser citadas.

Quem inventou a escrita foi à leitura: um dia numa caverna, o homem começou a desenhar e encheu as paredes com figuras, representando animais, pessoas, objetos e cenas do cotidiano... A humanidade descobria assim que quando uma forma gráfica representa o mundo, é apenas um desenho, quando representa uma palavra, passa a ser uma forma de escrita. (CAGLIARI, 1988, p. 13)

3. A revolução da escrita do papel ao digital

O uso da escrita desenvolveu a comunicação entre os homens permitindo-lhes derrubar barreiras que serviam de distanciamento entre grupos e sociedades, facilitou o intercâmbio de informação, preservar a memória, além de favorecer o desenvolvimento intelectual do ser humano.

Seria interessante observar que filósofos como Sócrates diriam a respeito da escrita moderna e como toda a sua revolução tecnológica se processou. Consideremos então, as inúmeras revoluções vividas pelo homem, compartilhando as ideias de Sócrates, que realizou sua prática a partir de exposição oral. Assim, cabe a reflexão:

Sócrates, o homem mais sábio de todos os tempos, estava enganado. Com a genial invenção das vogais no alfabeto grego, a escrita estava se disseminando pela Grécia antiga – e Sócrates temia um desastre. Apreciador da lin-

¹³ O códice ou códex foi uma tecnologia da escrita, em que uma folha de papiro foi dobrada em páginas individuais, criando o princípio dos livros atuais. Informação disponível em: <<http://www.veramenezes.com/techist.pdf>>.

guagem oral, achava que só o diálogo, a retórica, o discurso, só a palavra falada estimulava o questionamento e a memória, os únicos caminhos que conduziam ao conhecimento profundo, à sabedoria. Temia que os jovens atenienses, com o recurso fácil da escrita e da leitura, deixassem de exercitar a memória e, como a palavra escrita não fala, perdessem o hábito de questionar. (PETRY, 2012).

Dos livros manuscritos pelos monges medievais à página enviada por fax, o suporte era basicamente o papel. Lentamente, escrita e leitura passaram a se dar através de telas de vidro – mais propriamente de cristal líquido, de diodos emissores de luz. Começaram a sair livros para leitura em palmtop, ainda nos anos 90, quando já era possível lê-los no computador e em laptop. Depois, vieram os smartphones. Por fim, os *tablets* e os leitores eletrônicos. (Cf. PETRY, 2012)

Hoje, já é possível adquirir gratuitamente livros eletrônicos que podem ser baixados diretamente para diferentes dispositivos eletrônicos, inclusive nosso celular, sem custo. Popularizando ainda mais o acesso aos escritos em sua nossa roupagem: a virtual.

Na era digital, a mudança é radical. O livro eletrônico pode oferecer uma experiência visual e tátil inteiramente diversa. Como diz o francês Roger Chartier, professor do College de France e especialista na história do livro, "a forma afeta o conteúdo". A era digital, sustenta ele, nos fará desenvolver uma nova relação com a palavra escrita.

A inscrição do texto na tela cria uma distribuição, uma organização, uma estruturação do texto que não é de modo algum a mesma com a qual se defrontava o leitor do livro em rolo da Antiguidade ou o leitor medieval do livro manuscrito ou impresso, onde o texto é organizado a partir de sua estrutura em cadernos, folhas e páginas. (CHARTIER, 1999, p. 13)

4. Texto e hipertexto

Avançando no estudo comparativo de como a escrita tem papel fundamental na evolução e revolução da humanidade, é relevante destacar uma breve comparação entre o texto como objeto “estático”, e o hipertexto com toda a sua dinâmica e processamento virtual. Para isso, podemos conceituar o texto como o resultado produtivo da escrita.

Desde as origens da linguística do texto até nossos dias, o texto foi visto de diferentes formas”. Num primeiro momento foi visto como: “a) unidade linguística (do sistema) superior à frase; b) sucessão ou combinação de frases; c) cadeia de pronominalizações ininterruptas; d) cadeia de isotopias; e) complexo de proposições semânticas”. Já sob orientações de natureza pragmática, o texto passou a ser visto: “a) pelas teorias acionais, como uma sequência de

atos de fala; b) pelas vertentes cognitivistas, como fenômeno primariamente psíquico, resultado, portanto, de processos mentais; e c) pelas orientações que adotam por pressuposto a teoria da atividade verbal, como parte de atividades mais globais de comunicação, que vão muito além do texto em si, já que este constitui apenas uma fase deste processo global. (KOCH, 1997, p. 21)

O texto então, pode ser considerado como a materialização da palavra e sua composição em forma e conteúdo.

Usando a conceituação de Marcuschi (2002), tipologia textual é um termo que deve ser usado para designar uma espécie de sequência teoricamente definida pela natureza linguística de sua composição. Então temos que os tipos de texto que estão relacionados ao seu conteúdo e construção teórica, são: descritivo, dissertativo, narrativo, argumentativo, expositivo, injuntivo.

Ainda citando a definição dada por Marcuschi, os gêneros textuais que estão relacionados à sua forma, são alguns exemplos: bula de remédios, bilhete, crônicas, romances, receitas, classificados, reportagens jornalísticas, cartas, catálogos, lista telefônica, e-mail, cardápio, chat, manual de instruções, outdoor, charges, edital de concurso, relatórios e muitos outros.

Dessa forma, a escrita se contém em inúmeras possibilidades e temos o hipertexto, que viabiliza diversos gêneros textuais, tais como blogs, e-mails e outros.

Estão definitivamente abertas as novas possibilidades, gêneros e formas de escrita, que passam a sair do plano estático, evoluído ao longo da história humana, para o plano exploratório e descentralizador, próprio e característico dos sites e ferramentas da internet.

Nas palavras de Lévy (1993, p. 33), um hipertexto é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível, porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

O hipertexto apresenta-se como uma nova forma de escrita e de comunicação da sociedade. Tem-se, então, uma de inúmeras conexões com o campo educacional: o hipertexto como mediação para a produção

de conhecimento. Trazendo novas formas de ler, escrever, pensar e aprender.

O hipertexto é um modo de apresentação de informações em uma tela, onde são disponibilizadas conexões entre determinadas passagens de um texto (links), através de elementos (palavra, expressão ou imagem) destacados, que acionados por um clique de mouse provocam a exibição de um novo (hiper)texto com informações relacionadas ao link selecionado.

Com o texto digital, escrita e leitura se estruturam hipertextualmente, através dos nós e links, em um novo suporte: a tela do computador. A partir de agora o leitor pode escolher o melhor caminho da leitura e o conteúdo a ser lido, explorando o espaço virtual de acordo com seus interesses e necessidades, e construindo seu conhecimento com base nas escolhas que vai realizando. Agora, a partir do hipertexto, toda leitura é uma escrita potencial (LEVY, 1993, p. 264).

Ainda apresentando a conceituação de hipertexto, Primo (2002), levando em conta o caráter interativo do hipertexto, classifica-o em três formatos:

- a) *Hipertexto potencial*: Primo considera este tipo de hipertexto aquele em que os caminhos associativos estão pré-determinados pelo programador da página, sendo que ao usuário não é permitido realizar qualquer tipo de inclusão de novas associações, lhe restando apenas seguir as trilhas dispostas pelo programador.
- b) *Hipertexto colagem*: O hipertexto colagem definido pelo autor permite uma atuação mais ativa do internauta do que no hipertexto potencial, pois este só poderia executar modificações que já estariam previstas pelo autor da página. No hipertexto colagem é permitido ao internauta criar, no entanto não existe debate entre usuário e programador quanto a esta criação.
- c) *Hipertexto cooperativo*: Este tipo de hipertexto assim classificado por Primo remete à questão da construção coletiva, pois o hipertexto é construído através do debate entre autor e usuário da página. Assim, a discussão contínua é responsável por modificar a trilha de associações à medida em que é construída, tanto por usuário quanto por programador.

De acordo com Marcuschi (2002), pela sua natureza não sequencial e não linear, o hipertexto afeta não somente a maneira como lemos,

uma vez que ele possibilita múltiplas entradas e múltiplas formas de prosseguir, mas também o modo como escrevemos.

Em outras palavras, é o leitor quem escolhe o caminho e o direcionamento da leitura, haja vista que mesmo sendo assuntos relacionados, podem se tratar de documentos diferentes, ou de aspectos diferentes do mesmo documento, não dependendo, portanto, de uma única sequência argumentativa. Esse diferencial contrapõe a leitura de um texto de forma linear, isto é, na sequência que se encontra impresso em um livro, revista, jornal, entre outros, obedecendo à sequência das páginas, ou dos capítulos, do começo ao fim, não excluindo outras possibilidades de leitura.

5. Considerações finais

Com o presente estudo, percebemos que a escrita não tem papel apenas como registro da história humana e influência na cultura, vai muito além. De tal forma, que o seu papel serve como referência para a escrita de nossa história futura.

Ao longo da história, a escrita deixou de ser uma representação de uma ideia ou a transcrição da oralidade, revelando multifacetada, influenciada também pelos progressos tecnológicos, como a invenção da imprensa, que possibilitou a reprodução de textos em larga escala. Assim, não mais temos as informações limitadas a pequenos grupos e elites.

A leitura está diretamente ligada ao formato da escrita e novas formas de escrita surgem a cada evolução tecnológica. A escrita renasce e surge impressa e bem mais tarde virtualizada.

Com a virtualização, há uma notável mudança nos padrões de comportamento de escritores e também de leitores, que passam a ter verdadeiras janelas de textos representados na forma de hipertextos, a renovação e renascimento da escrita.

Consideramos as novas tecnologias como ferramenta para as novas práticas incentivadoras da produção textual e efetivação das práticas da escrita. A escrita é uma invenção decisiva para a história do ser humano, inegavelmente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, J. J. *Alfabetização e leitura*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

Cadernos do CNLF, Vol. XVII, Nº 11. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2013.

- BRIGGS, A.; BURKE, P. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. 2. ed. Rio de Janeiro: Jahar, 2006.
- BURKE, P. *Linguagens e comunidades nos primórdios da Europa Moderna*. São Paulo: UNESP, 2010.
- CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. UNESP. 1999.
- FISCHER, Steven R. *História da leitura*. São Paulo: UNESP, 2006.
- _____. *História da escrita*. São Paulo: UNESP, 2009.
- GAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2004.
- GARCEZ, Lucília H. do Carmo. *Técnica de redação: o que é preciso saber para bem escrever*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- KOCH, Ingedore. A construção textual do sentido. In: _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. São Paulo: Editora 34, 1993.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. *Linguagem & Ensino*, vol. 4, n. 1, p. 79-111, 2001.
- _____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Â. et alii *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- PETRY, André. A revolução do pós-papel. *Revista Veja*. Ed. 2300, 19-12-2012, p. 151-159. Disponível em: <<http://blog.26notas.com.br/?p=6778>>. Acesso em: 01-05-2013.
- PRIMO, A. F. T. Quão interativo é o hipertexto? Da interface potencial à escrita coletiva. In: *Compôs 2002 – Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação*, 11, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <http://www.pesquisando.atravesda.net/quao_interativo_hipertexto.pdf>.
- SAMPSON, Geoffrey. *Sistemas de escrita: tipologia, história e psicologia*. São Paulo: Ática, 1996.